



SÉRIE
KATHERINE PATERSON

Sugestões de trabalho

Coordenação

Maria José Nóbrega

Elaboração

Maria José Nóbrega
Luisa Nóbrega



SALAMANDRA





SÉRIE KATHERINE PATERSON

O valor da obra da escritora norte-americana Katherine Paterson tem sido amplamente celebrado no mundo todo. Ela é conhecida e respeitada por tratar com profundidade dramas relativos ao crescimento e à entrada na vida adulta, de forma tão envolvente que ninguém pode dizer ter saído ileso da leitura de uma de suas novelas.

Uma das mais premiadas autoras norte-americanas, Katherine recebeu, em 1998, a medalha **Hans Christian Andersen** pelo conjunto de sua obra, e acaba de ser escolhida para o **Prêmio em Memória de Astrid Lindgren/2006**, dado anualmente pelo governo sueco.

Para esta série, a escritora **Ana Maria Machado** escolheu e traduziu com carinho três livros premiados, caracterizados por personagens densas e histórias fortes e envolventes.

Tradução e consultoria editorial de Ana Maria Machado

Capas de Carlos Brito

Sugestão de faixa etária: leitores a partir de 11 anos.



Sumário

Fios e linhas (Maria José Nóbrega), 5

Katherine Paterson e sua obra, 7

Ponte para Terabítia, 9

 Sugestões de trabalho, 10

 Antes da leitura, 10

 Durante a leitura, 10

 Depois da leitura, 11

O mestre das marionetes, 13

 Sugestões de trabalho, 14

 Antes da leitura, 14

 Durante a leitura, 14

 Depois da leitura, 15

Duas vidas, dois destinos, 18

 Sugestões de trabalho, 19

 Antes da leitura, 19

 Durante a leitura, 19

 Depois da leitura, 20

Considerações finais, 23



Fios e linhas

Conta-se que Teseu, o maior herói ateniense, precisou, certa feita, enfrentar um monstro que tinha o corpo de homem, a cabeça de touro e se alimentava de carne humana fornecida, a cada vez, com o sacrifício de sete moças e de sete rapazes da cidade de Atenas: era o terrível Minotauro.

Não era só a bestialidade do monstro que investia a tarefa de enorme perigo, mas a dificuldade do percurso. O monstro vivia encerrado em um labirinto, onde os caminhos se entrecruzavam, sem que, para alguns, houvesse saída. Muitos antes de Teseu haviam tentado, mas não retornaram, derrotados pela fera ou, quem sabe, encurralados nas armadilhas do labirinto.

Foi Ariadne, uma jovem enamorada, que temendo pela vida do amado arquitetou, com a ajuda de Dédalo, um plano para demarcar o percurso, possibilitando que Teseu atingisse o centro, enfrentasse o Minotauro e voltasse seguro pelo mesmo caminho. Ela entregou ao herói um novelo que continha um fio mágico, um fio que nunca acabava, sob medida para Teseu desenrolar suas aventuras e retornar vitorioso e em segurança pela rota assinalada. Um fio que desenrolava a história e permitia ao narrador retornar para contá-la.


Teseu, não se sabe bem por que, vai abandonar Ariadne e viver outras histórias. Tristes, mas necessárias rupturas.

Começamos esta conversa com um mito que fala de fios que costuram amores e aventuras, que se entrelaçam e tecem os diferentes destinos. Mas fios, linhas também enredam textos que se revelam nas diferentes leituras de cada leitor.

Um texto traz sempre um convite: “Decifra-me!”. Um leitor é sempre um desbravador de sentidos. As leituras, como os caminhos, podem ser, às vezes, difíceis. Mas tudo fica mais fácil se outro leitor desenrola o fio que costura o que se vai compreendendo a cada linha, revelando, como em um bordado, imagens que antes pareciam ocultas.

O fio que desliza nos dedos de Teseu é de Ariadne, mas o caminho não é dela, é dele. O percurso do herói-leitor não é o mesmo de quem estabelece com ele os processos de mediação com o texto, de quem desata os fios da compreensão e da interpretação dos labirintos da linguagem escrita. As aventuras são próprias daquele que caminha e retorna com histórias para contar.

O jovem leitor já construiu autonomia para decifrar as letras: não precisa mais de fios que lhe revelem o que elas representam. Mas, ingressando pelas veredas do mundo da escrita, precisará de outros tipos de fios: há trilhas simples que seu grau de autonomia leitora alcança, mas há outras mais complexas, prontas a desafiá-lo com linhas emaranhadas: não há aventura se não há desafios.



Não se forma um leitor se não o encorajamos a ampliar seus horizontes, porque há mais histórias... como a de Aracne, por exemplo, tecelã que urdia suas narrativas em tapeçarias que eram tão lindas que acabaram por despertar a inveja da deusa Minerva, que a transformou em aranha, condenando-a a tecer por toda a eternidade. Teias de histórias que se entrelaçam no território das palavras. Trouxeste o fio? Ou a chave?

Mas talvez quiséssemos saber mais a respeito de como aquele novelo chegou às mãos amorosas da jovem Ariadne. Ela contou com a engenhosa ajuda de Dédalo, criativo arquiteto, que por ter sido cúmplice do amor de Ariadne por Teseu, despertou a ira dos Deuses e acabou aprisionado no labirinto com seu filho Ícaro; mas, graças à sua enorme capacidade inventiva, confeccionou enormes pares de asas e acabou escapando.

Dédalo e Ícaro são personagens de outra bela história...

Como eles, leitores são espíritos livres que, tão logo podem, soltam os fios e voam. Dependem apenas das mãos amorosas de seus professores que, como Ariadne, encorajam e possibilitam o ingresso nos labirintos da escrita.

Maria José Nóbrega




Katherine Paterson e sua obra

Katherine Paterson, quando indagada por um repórter sobre o que “tenta fazer quando escreve para crianças”, respondeu simplesmente: “tento escrever o melhor que posso”. Diante dessa resposta, o repórter, acreditando que a escritora não tivesse compreendido a pergunta, tentou novamente: “o que eu quero dizer é: qual a sua filosofia ao escrever para crianças? Há algum valor moral que você queira transmitir a elas? Não há alguns valores que você queira inculcar nelas?”. Como resposta, Katherine disse apenas que tentava escrever para seus leitores a melhor e a mais verdadeira história que pudesse. O repórter, incomodado e desapontado, desviou do assunto.

Esse pequeno mal-entendido nos revela muito sobre aquela que talvez seja a principal característica da obra de Katherine Paterson – o modo como a autora se dirige a seus jovens leitores sem recorrer a nenhum tipo de simplificação. Não lhe interessa escrever de modo didático, não lhe interessam as lições de moral – a arte (porque em nenhum momento ela consente em oferecer a seus leitores algo diferente de arte), para Katherine, é um meio de dividir com os outros as nossas revelações secretas sobre a vida. “Não escrevo para crianças, escrevo para mim mesma”, diz ela.

Talvez por isso a obra de Katherine seja tão singular – por ela dirigir-se a seus leitores sem em momento algum subestimá-los. O fato de escrever para crianças não faz com que ela retrate o mundo como um local adocicado e perfeito – pelo contrário, ela retrata a vida em toda a sua complexidade: o processo de crescimento e amadurecimento enfrentado por seus personagens é árduo, dolorido. Durante esse período, eles são confrontados com escolhas difíceis, das quais não podem se esquivar. As relações humanas, em especial familiares, oferecem inúmeros desafios: seus personagens têm de aprender a lidar com as frustrações e expectativas dos outros, bem como com as suas próprias. E, por fim, além de tudo isso, o mundo se encarrega de fazê-los se deparar com situações concretas que escapam totalmente a seu controle, e, por vezes, os surpreendem com uma mudança brusca no curso das coisas. Temas como esses estão, em geral, entre aqueles que uma sociedade superprotetora e conservadora como a de nossos dias acha que “não devem chegar aos ouvidos das crianças”.

Katherine Paterson não se interessa em preservar uma noção idílica e artificial de infância; sabe que crescer é um processo doloroso. Seus personagens são construídos com um alto grau de profundidade psicológica – não podem ser divididos simplesmente entre bons e maus. Possuem desejos contraditórios, momentos de covardia e de coragem, de força e de fraqueza. Não são heróis como os costumamos conceber, sempre nobres, generosos e audazes; são seres humanos



comuns, muitas vezes frágeis, muitas vezes mesquinhos, que não escondem seu medo e sua dor. A despeito disso, é quase inevitável admirá-los, à medida que vamos acompanhando sua trajetória – suas escolhas, seu crescimento; a maneira que descobrem de encontrar um equilíbrio entre seus desejos e a realidade que os cerca. Não enfrentam monstros ou vilões com poderes mágicos, mas sim seus próprios desejos e temores, e os desejos e temores daqueles que lhes estão próximos. Possuem problemas muito concretos, como dinheiro, conflitos com a família e com os colegas de escola. Tornam-se admiráveis menos por sua perfeição e mais pela maneira que encontram para lidar com as próprias limitações.

Cada livro de Katherine é, a despeito das diferenças temáticas e de pano de fundo, a descrição da trajetória de amadurecimento de uma criança que em algum momento decide enfrentar o desafio de se tornar um adulto, responsável pela própria vida e pela dos outros. Essa trajetória é sempre retratada com um alto grau de sutileza e sensibilidade, deixando espaço, também, para momentos de humor e leveza. Embora a autora nunca se exima de revelar a seus leitores o quanto esse processo pode ser dolorido, seus livros nunca convergem para um olhar pessimista e desolador – é como se ela dissesse que, apesar de tudo, crescer, com todos os seus percalços, vale a pena. Os finais de seus livros não apresentam a realização plena de propósito e a felicidade absoluta de um “e viveram felizes para sempre”, mas oferecem o vislumbre de uma alegria difícil e singela, mais próxima de nós: a de alguém que vai pouco a pouco descobrindo a si mesmo e o caminho a tomar para seguir adiante.

No que diz respeito ao cenário e aos temas, porém, existem grandes diferenças entre cada um dos livros. *O mestre das marionetes* se passa no Japão do século XIX, *Duas vidas, dois destinos* na Baía de Chesapeake, no período marcado pela Segunda Guerra Mundial, enquanto que *Ponte para Teratibia* se passa em tempos mais atuais, numa pequena cidade do interior dos Estados Unidos. Todas essas diferenças, contudo, talvez apenas ressaltem o quanto as questões humanas fundamentais são quase sempre as mesmas, a despeito das alterações de tempo e espaço. Para a autora, pouco interessa explorar cenários exóticos ou escrever romances históricos; seu interesse está nos temas universais que podem se revelar através das imagens que escolhe.




Ponte para Terabítia

Em *Ponte para Terabítia*, a autora divide com seus leitores uma experiência dolorosa, repleta de elementos autobiográficos. Na história de Leslie Burke existem ecos da história de Lisa Hill, a melhor amiga de um dos filhos de Katherine, David, e que morreu precocemente. Assim, neste livro a autora escreve sobre a experiência da morte – um tema que, diz ela, sempre a assustou e a perturbou, desde criança. Ela o faz para lidar com a impotência que sentiu em relação ao filho no momento em que ele sofria pela morte da amiga – ela poderia tentar ajudá-lo a lidar com sua dor, mas não poderia nunca lhe trazer Lisa de volta. Se por um lado Jess Aarons, o protagonista, representa o filho de Katherine, David, por outro, é também um alterego da autora, por meio do qual observamos toda a história. Se, por um lado, através do livro ela encontrou um modo de lidar com o sofrimento gerado pela morte de Lisa, por outro, escrevê-lo foi também uma maneira de encarar a idéia da sua própria morte.

A despeito do tema, a autora constrói o livro com leveza e simplicidade, sem recorrer ao tom solene que muitas vezes se utiliza ao falar de morte. Essa é, ao mesmo tempo, a história da construção de uma amizade genuína entre duas crianças vindas de universos muito diferentes. Enquanto Jess viveu toda a vida com sua família na pequena cidade onde se passa a história, Leslie, filha de pais escritores, vai morar ali porque seus pais decidem desapegar-se de coisas materiais. Jess é o filho do meio entre cinco, todas as outras quatro mulheres; Leslie é filha única. Enquanto a família de Jess luta para sobreviver com o pouco que seu pai recebe, a família de Leslie é abastada, e pode se dar ao luxo de não ter televisão por opção. Apesar das diferenças, os dois acabarão por se aproximar muito. Jess encontrará em Leslie a possibilidade de uma amizade e compreensão verdadeiras, diferentemente das relações superficiais que mantém com seus colegas de escola; e Leslie, uma menina solitária, sempre mergulhada em livros, considerada estranha pelos colegas de classe, encontrará finalmente alguém a quem contar suas histórias. Será dela a idéia de criarem um espaço só deles, num canto escondido da floresta: Terabítia, um reino mágico, longe das provocações dos colegas de escola, das reclamações da mãe e das irmãs de Jess, do cotidiano estreito da cidadezinha do interior – um lugar mágico e encantado, onde ambos podem reinar como rei e rainha. Leslie estimula Jess a continuar a desenhar e o ensina a imaginar e criar histórias, contando a ele sobre os livros que lê.

Quando a morte de Leslie acontece, ocorre de modo semelhante a como incidentes assim costumam se dar na realidade: vem de modo brusco e inesperado, gerando incredulidade e espanto. A reação de Jess não é imediata; ele demora um longo tempo para compreender de verdade o que aconteceu. A princípio, simplesmente ignora a situação, depois começa a agir automaticamente,



ainda sem entender; num momento de desespero, chega a ter uma explosão de raiva, indignado com a amiga que o deixou sozinho. Só depois de algum tempo é que ele consegue chorar por ela. No final do livro, ele leva sua irmã mais nova a Terabítia, e faz dela uma rainha, como Leslie havia feito dele um rei. Agora é ele quem passa a ser o narrador de suas histórias.

Em uma de suas muitas falas em público, Katherine relata que muitos de seus leitores não escondem o incômodo com o final da história, perguntando-lhe por que Leslie teve de morrer. A essa pergunta, a autora afirma que sempre respondia, emocionada, que também não sabia.¹

Sugestões de trabalho

Antes da leitura

1. Leia com seus alunos a quarta capa do livro. Nela, após comentar como a chegada de Leslie impede Jess de realizar seu sonho de ser o corredor mais rápido da escola, está escrito que a menina iria “lhe propor desafios muito maiores do que ganhar ou perder uma corrida”. Que desafios seriam esses? Estimule seus alunos a imaginar que tipo de desafio poderia ser mais importante do que ser o campeão da escola para um menino de dez anos.
2. Ainda ao ler a quarta capa, ficamos sabendo que Leslie era uma menina diferente das outras da região. Por que será que ela era diferente? Sugira a seus alunos que façam uma lista com suas hipóteses.

Durante a leitura


1. Comente com seus alunos que a família de Jess e a de Leslie possuem modos de vida e crenças muito diferentes. Estimule-os a, durante a leitura, atentar para essas diferenças, tomando nota das principais delas. Talvez fosse interessante sugerir que eles fizessem uma tabela confrontando as características da família da menina e a do menino.
2. Leslie é uma leitora voraz, e no decorrer do livro há muitos momentos em que ela fala de suas leituras para Jess. Peça a seus alunos que anotem o título de todos os livros citados pela menina no decorrer da história.
3. O personagem de Jess se transforma muito no decorrer da história; peça a seus alunos que atentem para essas transformações.

¹ As declarações da autora citadas neste encarte foram retiradas e traduzidas diretamente do livro *The invisible child*. Nova York, Dutton Children's Books, 2001. Nesse livro, estão reunidos vários discursos pronunciados por Katherine em cerimônias de recebimento de prêmios. (Nota da Editora.)



Depois da leitura

1. Converse um pouco com seus alunos a respeito do final da história; talvez a morte de Leslie os deixe indignados e surpresos, uma vez que finais infelizes e a morte de protagonistas são, em geral, pouco comuns em narrativas destinadas ao público jovem. Leia então com eles a dedicatória do livro, feita para seu filho David Lord Paterson, e, a pedido dele, a Lisa Hill, e conte a eles que Lisa era uma amiga de David, que morreu muito jovem, e que a narrativa do livro é parcialmente baseada em sua história.
2. O tema da morte, de que trata o livro, é bastante delicado. Pode ser que alguns dos alunos sintam a necessidade de partilhar com a turma experiências pessoais. Acolha.
3. Discuta com seus alunos a respeito das diferenças sociais entre Jess e Leslie, começando as discussões pelas anotações que eles fizeram durante a leitura. De que modo essas diferenças interferiam na relação que cada um deles estabelecia com seus pais? Quais são as vantagens e desvantagens que cada um dos modos de vida oferece? Enquanto Jess mantinha com os seus uma relação de obediência e respeito, em que o papel dos pais e dos filhos era cuidadosamente delimitado, Leslie mantinha com os seus uma relação de quase igualdade, ao mesmo tempo mais livre e mais distante. Se Leslie e seus pais conhecem mais de livros do que Jess e sua família, são, contudo, bastante desajeitados na hora de fazer os reparos de que sua casa necessita; nesse momento, a ajuda do menino é crucial. Quando o pai de Leslie pergunta a Jess onde ele havia aprendido tudo aquilo, ele não sabe o que responder – nunca reconheceu suas habilidades práticas como um conhecimento, um saber. Se Jess sofre com a falta de dinheiro, que torna difícil para ele investir na sua paixão pelo desenho, Leslie sofre com a solidão e a incompreensão das pessoas.
4. Proponha então que seus alunos digam quais são os livros de que Leslie fala durante a história, como: *As crônicas de Nárnia – O segredo do mago, o leão, a bruxa e o guarda-roupa* – de C. S. Lewis, *Moby Dick*, de Herman Melville, e *Hamlet*, de William Shakespeare, todos eles clássicos da literatura, de leitura muito prazerosa. Na escola, muitas vezes, só se conversa sobre os livros efetivamente lidos pela classe; esquece-se o quanto falar um pouco sobre o enredo e a importância de um livro pode despertar a curiosidade dos alunos e estimulá-los a lê-los. Divida a classe em três grupos e proponha que cada grupo fique responsável por pesquisar sobre o autor e o enredo de um dos três livros e escolher um trecho do original para ler para a turma. É bem provável que muitos se animem a mergulhar em suas páginas.

- 
5. Cada um de nós possui histórias e enredos que nos marcam, que se tornam parte do nosso repertório de modo análogo às lembranças que temos dos eventos da nossa vida. Pergunte a seus alunos que histórias gostariam de contar a Jess, se estivessem no lugar de Leslie, e sugira que a recontem oralmente para a classe – pode ser a história de um livro, de um filme, ou uma história que tenham ouvido de alguém.
 6. A autora Katherine Paterson, num discurso pronunciado por ocasião de um prêmio concedido a *Ponte para Terabítia*, comenta como seu filho, após a morte da amiga Lisa “passou por todos os estágios clássicos da dor, inventando alguns que os especialistas ainda não catalogaram”. Comente essa afirmação com seus alunos, e discuta com eles de que modo a autora recria esses diferentes estágios em seu livro. Quais os diferentes estágios da reação de Jess à morte de Leslie?
 7. Ainda no discurso citado, Katherine relata que muitos de seus jovens leitores se mostram inconformados com o final da história, quando Jess constrói uma ponte para o reino secreto que ele e Leslie haviam dividido, e faz de sua irmã mais nova, May Belle, a rainha de Terabítia. Dizem os leitores que Katherine não devia ter deixado que Jess construísse uma ponte para aqueles que não merecem. Pergunte a seus alunos se concordam com as críticas dos leitores de Katherine. Quando Jess leva May Belle para Terabítia, ele está cometendo uma traição em relação a Leslie? Ou será que o fato de ele levá-la até lá é uma maneira de manter vivo o reino que ele e a amiga haviam criado?
 8. Ao mesmo tempo em que trata da morte, *Ponte para Terabítia* é, também, o relato da construção de uma amizade verdadeira, transformadora para ambas as partes. Proponha a seus alunos que escrevam um relato pessoal a respeito de como conheceram e se aproximaram de alguém cuja amizade tenha sido muito importante em suas vidas. Se desejarem, podem, como Katherine Paterson, mesclar elementos autobiográficos a elementos ficcionais. O importante não é a verdade factual da história, mas o modo como ela revela os sentimentos e transformações envolvidos no encontro entre as duas pessoas.




O mestre das marionetes

Em *O mestre das marionetes*, Katherine debruça-se sobre o Japão, onde ela viveu por alguns anos. A autora relata que, quando nasceu, na China, o Japão para ela não era mais do que um exército invasor, e os japoneses, soldados que gritavam alto sem que se soubesse por quê. Anos mais tarde, porém, já com vinte e quatro anos, ela retornaria ao país, e dessa vez, diz ela, “os japoneses me ensinaram coisas que os soldados na praia não haviam ensinado”. A autora comenta como, uma vez no Japão, ela se sentia novamente como uma criança – de repente tornava-se não apenas iletrada, mas também incapaz de falar e compreender o que lhe era dito. Tudo isso torna evidente que a escolha do Japão como cenário para seus livros não se deu por seu caráter exótico, mas sim pela falta que o país lhe fazia, após ela ter retornado aos Estados Unidos. Por que, então, escolher para a ação um tempo tão remoto no passado? Porque, diz Katherine, observando o Japão antigo torna-se mais fácil identificar os padrões que regem essa cultura até o presente.

A narrativa relatada no livro é a história de Jiro, o filho único de um casal que sofre penosamente com a escassez de alimentos daqueles dias. Seu pai é um habilidoso bonequeiro, que depende das encomendas do dono do teatro local para sobreviver. Jiro, porém, não demonstra muita habilidade para aprender o ofício do pai, e é constantemente acusado pela mãe, uma mulher de temperamento instável e gênio difícil, de ser um menino egoísta, um peso para a família. Diante da vida difícil que seus pais levam, e da sensação de não ser mais do que um estorvo para eles, o menino acaba por fugir de casa para se oferecer como aprendiz no teatro de marionetes da cidade, um dos poucos lugares da região onde a comida é farta, com a esperança de no futuro poder ajudar os pais. No teatro, Jiro irá iniciar um processo rigoroso e severo de aprendizado: “aqui se aprende através do método dos erros horrorosos”, lhe advertem logo no seu primeiro dia de aprendiz. Assim, ele entra em contato com uma técnica milenar e sofisticada de teatro de bonecos, o *bunraku*, em que cada boneco é manipulado por três manipuladores, e o som de sua voz e seus passos é feito por cantores e músicos, que devem estar em perfeita sintonia com os atores. Trata-se, porém, de um processo difícil de treinamento, sob o comando de um mestre exigente e irascível. Também no teatro, logo no primeiro dia, Jiro conhecerá o filho do mestre de marionetes, ele mesmo um aprendiz: Yoshida Kinishi, por quem o menino terá uma empatia e admiração instantâneas.

A partir de então, Jiro irá passar por um processo rico, mas também doloroso de amadurecimento – como aprendiz mais jovem, vai aos poucos compreendendo as regras que existem no teatro, que não se limitam à técnica de manipulação de bonecos; aprende a assumir a responsabilidade por suas escolhas, a pedir ajuda, a transgredir as regras quando necessário. Ao mesmo tempo, terá de lidar com a rigidez do mestre, que é por vezes exageradamente severo,



especialmente em relação a seu filho; com a reprovação da mãe, que não irá ver com bons olhos sua entrada no teatro; com a impossibilidade de ajudar os pais, que sofrem duramente com a fome e a doença, sempre que gostaria; com suas próprias ambições, que o levam a invejar o lugar conquistado por seu melhor amigo. Apesar de todas as dificuldades, porém, o menino, que era descrito pela mãe como inútil, desajeitado e preguiçoso, vai gradualmente descobrindo que possui suas próprias habilidades e que possui determinação suficiente para arriscar-se para ajudar aqueles a quem ama.

Em paralelo com a história de Jiro, a autora nos envolve no mistério do bandido Saburo, que rouba comida dos ricos das maneiras mais inusitadas para oferecer aos pobres, sem, contudo, fazer uso de violência. Amado pela população e odiado pelos mais poderosos, o bandido mantém sua identidade secreta. Ao mesmo tempo, a população faminta da cidade vai gradualmente entrando em desespero, e formam-se hordas de saqueadores dos mais violentos, que, sem perspectivas e sem ter muito a perder, passam a incendiar e destruir a cidade. Assim, a autora coloca algumas questões difíceis de responder: qual o papel do teatro e da arte num contexto social devastador? Será que a falta de alternativas justifica o uso da violência? A autora certamente condena a violência, mas não, podemos pressentir, a transgressão. Por vezes torna-se necessário quebrar as regras para que as coisas se transformem.

Sugestões de trabalho

Antes da leitura

1. O *bunraku* é uma técnica de confecção e de manipulação de bonecos bastante específica, diferente das que estamos acostumados no Ocidente. Seria interessante pedir a seus alunos que realizem uma pequena pesquisa em busca de informações a respeito dessa técnica, para que tenham mais referências para processar os episódios narrados.
2. Imagens podem ser mais eficientes do que informações teóricas e técnicas. Na primeira cena do filme *Dolls*, de Takeshi Kitano, é exibida uma cena de *bunraku*. Assistir ao filme todo talvez não seja indicado, pois ele se destina a um público adulto, mas seria muito interessante se seus alunos pudessem assistir apenas a essa cena, de modo a poder recriar de forma mais precisa o tipo de espetáculo a que o livro se reporta.

Durante a leitura

1. Antecipe a seus alunos que a história envolve também um mistério em torno da identidade de um famoso ladrão da região, o bandido Saburo. Estimule-os a,




durante a leitura, tentar elaborar suas hipóteses sobre a verdadeira identidade de Saburo, tomando nota de uma pequena lista de suspeitos. Ao final, peça que eles relatem se o verdadeiro culpado constava ou não em sua lista.

2. No decorrer do livro, aparecem diversas palavras em japonês, às quais estamos pouco habituados, que se referem a objetos da cultura japonesa. Chame a atenção de seus alunos para o fato de que, quando essas palavras aparecem, geralmente a tradutora incluiu notas de rodapé ao final da página, para esclarecer seu sentido.

Depois da leitura

1. Em geral, quando estudamos História, pouco sabemos sobre o Oriente – a história de países como o Japão é quase que inteiramente desconhecida para nós. Essa é uma boa oportunidade para que seus alunos conheçam um pouco mais a respeito da história japonesa: peça a eles que façam uma pequena pesquisa sobre o que acontecia no Japão do século XIX, no final do domínio da dinastia Tokugawa. Seria interessante conversar com o professor de História, que poderia complementar a pesquisa com informações mais precisas.
2. A cultura japonesa é, em muitos pontos, bastante diferente da nossa. Algumas dessas diferenças culturais são bastante visíveis no livro, em especial no que diz respeito às relações entre jovens e adultos. O tratamento destinado aos jovens é mais severo do que estamos acostumados: a relação entre Yoshida e seu filho Kinshi é um bom exemplo. Além disso, o rigor do treinamento recebido pelos aprendizes talvez nos seja pouco familiar: os jovens não são guiados passo a passo, têm de descobrir seu caminho sozinhos; seus erros são duramente punidos e os elogios são escassos. Discuta um pouco essa questão com seus alunos – será que a rigidez com que os jovens são tratados significa necessariamente falta de afeto? Será que a dureza no treinamento dos aprendizes não lhes oferece mais liberdade do que a superproteção a que estamos acostumados no mundo ocidental? Jiro sofre ao chegar ao teatro, mas gradualmente, tendo que agir sozinho, apropriar-se de suas escolhas, assim como passa a dominar a técnica de manipulação dos bonecos.
3. A situação devastadora pela qual o Japão passava no período em que transcorrem os acontecimentos narrados, em que a fome e a falta de condições sociais adequadas acabam por gerar violência e revolta, não é de modo algum estranha para nós: é possível traçar vários paralelos entre a situação do livro e os tempos atuais. O retrato feito pelo livro da população desfavorecida do Japão da época, que, em seu desespero, passa a depredar a cidade em que vive, instaurando uma



situação caótica, nos permite traçar várias analogias com o nosso tempo: seja com os ataques do PCC em São Paulo, seja com os jovens incendiários que têm atacado as ruas de Paris, e assim por diante. Discuta um pouco essa questão com seus alunos, procurando observar semelhanças e diferenças entre a realidade de nossos tempos e aquela que Katherine Paterson descreve. Seria interessante estimular seus alunos a trazer notícias de jornal que se refiram a essa questão, e criar na classe um mural com os artigos. Até que ponto a falta de condições sociais adequadas justifica a violência? Será que a solução seria simplesmente punir aqueles que se rebelam, ou seria necessário realizar transformações sociais profundas? Será que é possível exigir obediência às leis por parte de alguém que passa fome?

4. A autora faz referência a algumas peças encenadas pela companhia, revelando-nos um pouco sobre seus personagens principais e sua narrativa; porém, de nenhuma delas conhecemos a história na íntegra, com seus detalhes. Estimule seus alunos a, em duplas, escolher uma das peças a que o livro se refere (*A batalha de Dannoura* ou *O Ladrão de Tokaido*, por exemplo) e escrever uma das cenas da peça, da forma como a imaginam. Peça que eles partam dos personagens da peça a que o texto se refere, mas deixe que eles criem o desenrolar da cena da maneira como desejarem. É uma boa oportunidade para conversar um pouco a respeito da organização do texto teatral, que difere bastante de um texto convencional: não foi escrito para ser lido, mas para ser encenado. A maior parte das informações do texto está, em geral, contida nos *diálogos*, divididos em *falas*. Cada fala é introduzida com o nome do personagem que a emite, escrito normalmente em letras maiúsculas e seguido de travessão. Antes do texto, em geral, aparece uma relação de todos os personagens da peça, seguida de uma breve descrição, e algumas indicações de cenário. Durante todo o texto, o autor dá algumas informações a respeito de mudanças de cenário e iluminação, bem como a respeito da movimentação dos atores e da entonação correta para as falas através da *rubrica*, que normalmente aparece isolada e entre parênteses. A rubrica deve ser sucinta, clara e objetiva, já que as informações que ela traz não farão parte do texto dito pelos atores – serão percebidas pelo espectador apenas através das imagens e da ação da peça. Diga a eles que não se esqueçam de levar em consideração que não se trata de uma peça para ser encenada por atores, mas sim por bonecos.
5. Organize então uma pequena leitura dramática das peças dos alunos; deixe que cada dupla escolha as “vozes” da classe que consideram mais adequadas para representar seus personagens. Após a leitura, divida a classe em dois grandes



grupos e peça que eles escolham, cada um, uma das cenas escritas pelas duplas para encenar, dessa vez com bonecos e sonoplastia.

6. A técnica de *bunraku* é uma técnica altamente sofisticada, uma vez que exige uma perfeita sincronia entre os manipuladores. Não apenas os manipuladores dos pés devem estar em perfeita harmonia com os da cabeça e dos braços, como também devem estar perfeitamente sincronizados com os cantores e músicos, uma vez que os cantores é que dizem as falas dos personagens e os músicos criam o som de seus movimentos e passos. Que tal fazer com que seus alunos passem por uma experiência análoga, para que tenham idéia da complexidade da técnica? Converse com o professor de Artes para que ele passe a ajudá-los a confeccionar os bonecos dos personagens presentes nas cenas que vão apresentar. O importante é que sejam bonecos articulados e relativamente grandes, uma vez que serão manipulados por três pessoas; porém a técnica utilizada pode ser relativamente simples. Uma idéia é utilizar jornal para confeccionar o corpo do boneco, criando cada um dos membros separadamente e depois os unindo, utilizando-se de fita adesiva e uma estrutura de arame. Uma vez prontos os bonecos, os alunos podem usar de sua criatividade para criar figurinos para eles. Peça então que cada grupo se divida em diferentes funções: alguns ficando responsáveis pela manipulação dos bonecos, outros por dizer suas falas, e os demais pela criação da sonoplastia do espetáculo (os sons dos passos, do ambiente etc.). Os músicos não precisam utilizar-se de instrumentos: objetos cotidianos como sapatos, copos, talheres e papéis, por exemplo, podem ser excelentes para criar a atmosfera. Conceda aos alunos um tempo de ensaio, para que eles tentem sincronizar manipulação de bonecos, texto e sonoplastia.
7. Por fim, marque um dia para que cada grupo apresente seu trabalho para o outro. Se os alunos desejarem, poderão organizar uma apresentação aberta, para as demais classes da escola.




Duas vidas, dois destinos

O título original em inglês de *Duas vidas, dois destinos*, “*Jacob have I loved*” (Jacó eu amei) é uma referência a um versículo bíblico: “Jacó eu amei, mas Esaú eu odiei”. A narrativa bíblica que serviu de inspiração a Katherine, conta a história de dois gêmeos, Esaú e Jacó, na qual o irmão mais novo, Jacó, valendo-se de sua astúcia e da ajuda da mãe, Rebeca, de quem era o filho preferido, acaba por se apropriar de tudo o que devia pertencer ao mais velho, até mesmo a benção do pai, Isaac. Essa narrativa mítica, que se estrutura sobre o tema da rivalidade entre irmãos, em que a predileção dos pais por um dos filhos acaba por favorecê-lo em relação ao irmão, é arquetípica da nossa cultura. Além de Esaú e Jacó, há outros casos, como Caim e Abel, Raquel e Lia, assim como os inúmeros exemplos presentes nos contos de fadas, nos quais o irmão ou a irmã mais novos são descritos como mais belos e bondosos, enquanto os mais velhos são retratados como tolos, feios e maus, e acabam por ser punidos no final, em franco contraste com o que é reservado aos mais novos, premiados com o conhecido “e viveram felizes para sempre”. Katherine escreve sua história para dar voz aos que nas histórias da tradição são ofuscados pelo brilho de seus irmãos, aqueles dos quais em geral pouco sabemos – os Esaús e as Lias, cujo sofrimento ecoa nas palavras da protagonista, Louise.

Logo no início do livro, Louise comenta que talvez o momento mais feliz de sua existência tenha sido o seu nascimento e os poucos minutos que a separaram do nascimento de sua irmã gêmea, Caroline: “*Sempre pensei nesses minutos como se fossem um tesouro. Representavam o único momento de minha vida em que fui o centro das atenções de todo mundo. A partir do instante em que Caroline nasceu, foi tudo para ela.*”

Caroline é delicada, graciosa, cativante; possui um talento inato para a música: sua voz encanta a todos na ilha em que moram. Louise, por sua vez, é mais fechada, difícil, irascível, e gosta de acompanhar o pai na pesca de caranguejos – atividade que só era considerada apropriada para os homens da ilha. Enquanto Caroline, considerada por todos frágil e delicada, é superprotegida pela família, Louise sente-se deixada de lado, e, por aparentar ser mais forte, vê muitas vezes negligenciada a sua necessidade de afeto. Com o passar dos anos, a solidão e a carência de Louise se acentuam, até que ela finalmente percebe que muito de seu sofrimento e isolamento são causados pela maneira como ela própria se coloca em relação às coisas, e decide então tomar as diretrizes de sua própria vida.

A ilha de Rass, o ponto fictício da baía de Chesapeake onde a história se passa, é uma metáfora perfeita da personalidade de Louise: uma ilha pequena, isolada da cidade grande, onde os habitantes vivem principalmente da pesca de peixes e caranguejos e que, devido às tempestades, vai gradualmente diminuindo, e está condenada a desaparecer, submersa sob as



águas. É apenas no final do livro que a protagonista reconhece que continuava a viver em Rass não porque os outros a impedissem de sair dali, mas porque, até então, embora não admitisse, resistia a desvincular-se do lugar onde passara sua infância. Somente após chegar a essa conclusão Louise consegue finalmente deixar a ilha.

Katherine constrói com grande sensibilidade sua protagonista, uma menina que, a despeito da sua aparência rude, é profundamente sensível, e que, mesmo com a maneira muitas vezes austera e distante com que se coloca em relação às pessoas, sente uma necessidade brutal delas. E, se ela chega por vezes a odiar sua irmã Caroline, não consegue, contudo, deixar de amá-la; assim como é capaz de ter compaixão da avó rabugenta e agressiva, quando consegue enxergá-la em sua fragilidade. E, por fim, apesar de todo o seu sofrimento, consegue encontrar determinação suficiente para buscar um lugar ao qual sinta pertencer, e onde possa se sentir amada, finalmente.


Sugestões de trabalho

Antes da leitura

1. O texto da quarta capa do livro afirma, logo de início, que o drama das duas irmãs que aparecem no livro pode ser sintetizado na frase “Jacó eu amei, mas Esaú eu odiei”. A frase estabelece explicitamente relações entre os personagens bíblicos e os personagens do livro, o que se encorpa se considerarmos que a tradução literal do título em inglês é “Jacó eu amei”. Verifique se algum de seus alunos conhece a passagem bíblica de Esaú e Jacó e peça que narre para a classe.
2. Em seguida, seria interessante ler o trecho dos dois irmãos como aparece no texto bíblico, complementando as informações já fornecidas pelos alunos. A despeito de seu caráter religioso, a Bíblia é uma das grandes fontes da literatura mundial e suas imagens servem como referência para inúmeros autores.
3. Na “Nota da tradutora”, na página 9, Ana Maria Machado comenta sobre algumas dificuldades de tradução, por ser difícil encontrar em português termos que se refiram de maneira precisa à fauna e vegetação da Baía de Chesapeake. Talvez fosse interessante que os alunos pesquisassem algumas imagens da região, para que tivessem uma referência mais realista do cenário onde transcorrem os episódios.


Durante a leitura


1. Estimule seus alunos a perceber a forma utilizada pela autora para fazer uma releitura da narrativa de Esaú e Jacó através da história de Louise e Caroline. Peça-lhes que atentem aos momentos em que o texto de Katherine remete à narrativa bíblica.

- 
2. Peça que eles observem como a descrição do cenário onde a narrativa se passa possui uma profunda analogia com a personalidade da narradora da história, Louise.
 3. O texto bíblico é um texto bastante ambíguo e, por essa razão, abre espaço para as mais diversas interpretações. Diga a seus alunos que observem como a avó de Louise e Caroline, em diversos momentos, dele se apropria, com a finalidade de atingir e constranger algum dos membros da família.

Depois da leitura

1. Discuta com seus alunos as relações que podem ser feitas entre o texto bíblico e a narrativa de Katherine Paterson. De modo análogo ao que ocorre na história de Esaú e Jacó, a irmã mais velha, Louise, sente que tudo aquilo que possui lhe é tomado pela mais nova, Caroline: o amor dos pais, de seu único amigo, Call, e do Capitão, a possibilidade de estudar fora da ilha, e assim por diante. No texto bíblico, Esaú, o mais velho (por ser o gêmeo que nasceu primeiro), é mais próximo do pai, mais forte e robusto, e gosta de caçar, enquanto Jacó, o preferido da mãe, é mais frágil que o irmão e prefere passar seu tempo dentro de casa. Veja se seus alunos percebem como a oposição entre as duas irmãs de *Duas vidas, dois destinos* se constrói de modo bastante semelhante: Louise gosta de pescar como o pai, embora isso seja considerado inadequado por sua condição de mulher; é mais forte e tem as mãos em geral sujas de areia e o corpo cheirando a mangue; enquanto isso, Caroline fica em casa com a mãe, é delicada, feminina e possui as mãos sempre limpas. Além disso, nas duas narrativas, o privilégio do irmão mais novo se estabelece já no momento do nascimento: Jacó nasce agarrado à coxa do irmão; Caroline, ao nascer quase sem conseguir respirar, torna-se imediatamente alvo da atenção de todos, enquanto Louise fica esquecida num cestinho.
2. A ação da história se passa na década de 1940, nos Estados Unidos, num período marcado pela Segunda Guerra Mundial. A passagem do tempo, no texto, é assinalada por momentos em que os personagens ouvem notícias de rádio a respeito da guerra – em uma passagem marcante, os personagens do livro reagem com incredulidade ao anúncio do ataque de Pearl Harbor. Seria interessante pesquisar um pouco a respeito da participação dos Estados Unidos na Segunda Guerra, ao mesmo tempo ativa e distante, e da atuação do presidente Roosevelt – um dos principais alvos das piadas de Call e Louise. Se possível, converse com o professor de História sobre a possibilidade de uma aula a respeito desse tema.

- 
3. Ao ler um livro escrito em primeira pessoa, sabemos que estamos diante de uma versão parcial das coisas, principalmente se o narrador é o protagonista de sua história. Na narrativa de *Duas vidas, dois destinos*, nosso ângulo de visão é o de Louise – pouco sabemos sobre quem de fato é sua irmã Caroline. Em alguns momentos, ela parece cruel, insensível, autocentrada e calculista, porém existem algumas passagens do livro que abrem brechas para que se desmonte essa opinião. Do mesmo modo, se Louise enfatiza o tempo todo o quanto sofre por ser preterida pela família, ao final da história ela parece compreender que grande parte de seu sofrimento é de responsabilidade sua. Estimule uma pequena discussão em classe: quem realmente é Caroline, na opinião dos alunos? Até que ponto Louise foi realmente deixada de lado, até que ponto seu sofrimento e sua dificuldade para lidar com as pessoas fazem com que ela exagere a situação? Proponha que os alunos recorram a passagens do livro para justificar seus argumentos.
 4. Katherine Paterson relata, no discurso que proferiu ao receber um prêmio por esse livro, que durante o processo de criação pensou em contar a mesma história sob diferentes perspectivas: primeiro a de Louise, depois a de Caroline, depois a de Call e por fim novamente a de Louise. Estimule seus alunos a escolher uma das situações que Louise relata no livro para recontar sob perspectiva de Call ou de Caroline.
 5. A rivalidade entre irmãos, que desemboca na afirmação da superioridade do caçula, é um tema arquetípico, recorrente em inúmeras narrativas da nossa cultura. Esse tema está presente na relação de outras duplas bíblicas de irmãos, como Caim e Abel e Raquel e Lia; em narrativas míticas, como o mito de Eros e Psiquê, bem como em inúmeros contos de fadas, como: *A Bela e a Fera*, cuja versão mais conhecida é a de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, *As fadas*, de Charles Perrault, *A casa na floresta*, dos Irmãos Grimm, o conto norueguês *A leste do Sol, a oeste da Lua*, entre outros. Nos contos de fada, mesmo quando a relação entre os irmãos não é muito explorada na história, é, na esmagadora maioria dos casos, o caçula que se torna herói ou heroína. Em todas essas narrativas, sejam elas mitos ou contos populares, os mais novos são descritos como mais belos, mais bondosos e/ou mais espertos, enquanto os mais velhos em geral aparecem como mal-intencionados ou tolos. O sentimento de inveja, que em todas essas narrativas aparece como inteiramente condenável, em geral é privilégio dos irmãos mais velhos. Chame a atenção dos alunos para esse padrão das narrativas, estimulando-os a lembrar-se de outras histórias que conheçam em que essa estrutura típica apareça. Proponha então que a classe se divida em pequenos grupos, cada qual



ficando responsável por escolher uma dessas narrativas para ler ou recontar para a classe, ressaltando o modo como a relação dos irmãos aparece no texto.

6. No mesmo discurso ao qual já nos reportamos, a autora comenta que a única coisa que ela pode fazer “pelas Lias, Esaús e Louises do mundo é dar a eles agora, enquanto são jovens, a história mais verdadeira de que eu seja capaz”. Proponha a seus alunos que sigam o exemplo de Katherine, escolhendo uma das narrativas estudadas (seja bíblica, mítica ou conto de fadas) para recontar sob a perspectiva do irmão mais velho. Deixe que eles usem sua imaginação para criar livremente suas histórias, mudando o tempo em que se passa a ação original e acrescentando personagens e situações novas, se desejarem.



Considerações finais

Caro(a) professor (a),

As atividades apresentadas não esgotam todas as possibilidades de trabalho com os livros da série. São sugestões que podem e devem ser adaptadas às características e necessidades de seus alunos e à dinâmica que se desenvolver dentro da sua turma.

Sua criatividade e sensibilidade com certeza vão inspirar outras atividades.

Desejamos a você e aos seus alunos um excelente trabalho e momentos deliciosos de leitura e conversa!

Os editores.



SÉRIE
KATHERINE PATERSON



SALAMANDRA